

ELO

dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade — Redacção — Direcção — ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

Impr. — TIPOGRAFIA ESCOLA DA A. D. F. A.

Palácio da Independência Largo de S. Domingos Telef. 36 21 67 - LISBOA

Rua Artilharia um-Anexo H. M. P. - Telef. 65 35 93 - LISBOA

NOTA de ABERTURA

EDITORIAL

Foi um Povo inteiro que sofreu, que foi martirizado por décadas de fascismo e por treze anos de estúpidas guerras coloniais.

Sofreu um Povo inteiro quando alguns lucravam com esse sofrimento. Os que lucravam não merecem a designação de Povo: São os carrascos desse mesmo Povo. São os filhos e netos de carrascos de outrora que também martirizaram os filhos do Povo de outrora.

Este foi mais um abuso que se insere numa tradição histórica. Este grito de denúncia será o primeiro que se faz ouvir e oxalá não seja necessário repetir-se.

Os grandes senhores de outrora colheram louros, benesses e riquezas à custa do sangue e das vidas dos filhos do Povo que a seu mando lutavam e morriam. Se não existisse o 25 de Abril, as gloriosas campanhas de África, campo de heróicos feitos e enaltecimento da raça, passariam à história em doutras letras, os lucros das mesmas seriam esbanjados em luxos e festas e os sofrimentos e martírios dum Povo inteiro seriam esquecidos e as suas feridas não seriam saradas. O 25 de Abril, um marco diferente e único na história de Portugal, dá também a oportunidade única à massa, que era utilizada, de levantar a voz e dizer de sua justiça.

Por esse Portugal fora são muitos os milhares de famílias que viram sair de casa os seus filhos, fortes e rebustos, para o verem entrar deficientes ou nunca mais os verem. A alegria de uns, de verem chegar sãos e salvos os seus filhos, era apagada pela tristeza de outros que não viam regressar os seus. Assim, o enlutamento era geral. Mas essas mágoas abafavam-se no silêncio arquitectado e imposto: Os mortos eram transportados em barcos de modo camuflados como se de mercadoria se tratasse e os funerais partiam do Hospital Militar no deserto da madrugada. Os gritos lancinantes de «Ai meu querido filho» rasgavam a madrugada e iam acordar de algum pesadelo os que não morreram, mas na opinião dos governantes eram «peso morto».

A disciplina dos hospitais assemelhava-se à de recruta. As justas reclamações respondiam vozes autoritárias - cale-se, você, porque teve um acidente, está cheio de complexos e eu é que tenho de o aturar». Na junta final o Director do Hospital Militar era um burocrata de carimbo na mão: «Peso morto, inválido, peso morto, inválido...». Em enorme bicha os «invalidos» iam passando. Eram muitos. Eram demais. Havia que esconder o seu número. Mais, havia que reduzir esse número. Então o Director do Hospital Militar continuava a carimbar — «inválido, inapto para o serviço militar sem pensão, inválido, peso morto...».

«O Exército era uma terrível máquina de inutilizar homens». Inutilizava-os e remetia-os à procedência. As famílias recebiam-nos, liam o carimbo e resignavam-se perante a vontade de Deus...

A guerra continuava. Mais mortos, «mais inválidos». O número crescia. O Povo Português ia mostrando a sua terrível capacidade de resignação.

A maioria dos deficientes eram soldados. Mesmo sem pernas punham-se em sentido perante os grandes senhores que atropelavam os reduzidos direitos que tinham. As leis eram dúbias e a sua interpretação resultava, por regra, em prejuízo dos deficientes. Só se fosse alguma cunha...

Então o pai lá na terra falava com o Senhor Dr. e o Senhor Dr. falava com...

Ficava-se na promessa. Concluía-se sempre: eles não se interessam, porque isto não acontece aos filhos deles — quando os oficiais, que agora são Capitães, ocuparem lugares de decisão nas Forças Armadas, eles que têm conhecimento directo dos nossos problemas, então... Faziam-se as contas.

Mas quando?...

O 25 de Abril venceu a barreira do tempo.

A cega confiança nos governantes, que tudo podem e tudo farão, fazia parte dos cegos conceitos das pessoas embrutecidas num sistema totalitário e rígido.

Com a maleabilidade do 25 de Abril e as liberdades daí resultantes as pessoas, inauguraram nova maneira de pensar: responsabilizaram-se a si próprias, tornaram-se activas e adquiriram o direito de participação. Dentro deste contexto, os Deficientes das Forças Armadas, constituídos em Associação, participam na resolução dos problemas resultantes das injustas guerras coloniais, participando também na revolução em curso.

O jornal dos Deficientes das Forças Armadas exprimir-se-á, por norma e por imperativo, na linguagem simples, mesmo rude, mas clara, que os deficientes, na sua quase totalidade soldados, sabem utilizar e entendem.

Escrito por nós e para nós, poderá ser lido, e assim compreendido, pelas nossas famílias, como nós simples e mergulhados nos nossos problemas, assim como por todo o povo que sofreu com as guerras coloniais e entende também a nossa linguagem.

Se existir alguma filosofia nos nossos artigos, ela não será fruto duma procura rebuscada em gabinete fechado, será antes fruto espontâneo das nossas vivências e da nossa experiência. Transmitiremos, sem nada evitar ou esconder tudo o que vivemos e sentimos, trazendo ao conhecimento de todos o que tão escondido andava. Para além da necessidade, força-nos também o dever de transmitir e denunciar, quando for o caso, tudo o que diz respeito às mazelas da guerra e à sua cura.

Este será o nosso simples contributo para a reconstrução do Portugal novo e justo que o verdadeiro Povo Português deseja.

A Q U I



Palácio da Independência

Aqui se ministrou à Juventude Portuguesa o vírus do Fascismo que havia de manter todo um Povo no mais refinado obscurantismo.

Aqui se forjaram os «SS» que nos amordaçaram o corpo e nos marcaram a alma.

Aqui se instalou a maternidade onde seriam paridos Fascizantes e fascizados.

Aqui se fez Caetano El-Rei Tirano.

Aqui se transformaram crianças em monstros que seriam a coluna vertebral da continuidade dum regime de ódio.

Aqui se construíram os heróis da opressão colonial.

Aqui se cometeram os crimes de alienação de gerações sucessivas.

Aqui estamos nós, Deficientes das Forças Armadas, sentindo na alma e no corpo as vergastadas dos Carrascos de 48 anos.

Aqui estamos nós empenhados em destruir todo o mobiliário de ódio que ornamenta estas paredes, testemunhas impassíveis de crimes que clamam por julgamento.

Aqui queremos trabalhar na reconstrução dum Portugal livre e Democrático — Só assim haverá uma perfeita política de Reintegração dos marginalizados.

A A D F A ACUSA

Os grandes culpados

Lutamos por um lugar digno numa Sociedade Justa com Direitos e sem esmolas.

A nossa forma de luta é a mesma de todas as frentes progressistas: Morte ao fascismo — viva a liberdade.

Hoje seremos livres, contudo sentimos as nossas palavras ainda amordaçadas por essa sombra pesada que nos segue, qual abutre ameaçado de morte por lhe escassearem as indefesas

Continua na pág. 6

DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS PARA O POVO PORTUGUÊS

Pretendendo as entidades governamentais esconder as consequências negativas das guerras coloniais, a nós, vítimas dessas guerras, iam tratando no máximo silêncio e encobrimento. O êxito de tal intenção era notório, pois já alguns anos iam decorridos após o início da guerra e muitas pessoas ao depararem connosco nos perguntavam se tinha sido nalguma fábrica.

Tamos crescendo em número ao longo dos anos, fomos crescendo aos milhares. Disso não eras informado e quando deparavas com um de nós arregalavas os olhos e ficavas boqueaberto. Dotado duma sensibilidade apurada, solidarizavas-te connosco através da compaixão. Esse teu gesto, bem intencionado, resultava numa catástrofe: nós, em cuja mente vivia a imagem do aleijadinho que pede esmola à esquina, interpretávamos tal gesto como uma ofensa, um reconhecimento de inferioridade; sentíamos-nos humilhados e revoltávamo-nos a seguir, engolindo uma injúria e acumulando um ódio miudinho contra ti que apenas cometeras o crime de connosco te solidarizares.

Triste espectáculo. Horrível choque entre pessoas da mesma sociedade, todas vítimas dum plano arquitectado.

Logo a seguir ao 25 de Abril não saímos para a rua para denunciar criminosos e pedir condenações, mas guardamos, isso guardamos, cá bem dentro de nós essa ofensa, essa injustiça, esse crime. Ainda hoje não exigimos que se condene A ou B, mas exigimos que os males sejam reparados.

Nós, Deficientes das Forças Armadas, não nos sentimos verdadeiramente desgraçados quando fomos vítimas de acidente. Verdadeiramente desgraçados sentimo-nos quando deparámos contigo que de todo te recusavas a aceitar-nos e a compreender-nos. Quando pensavas que nos acolhias, afastavas-nos, quando pensavas que nos compreendias, ofendias-nos. Nós éramos assim aos milhares, na flôr da vida, votados ao desânimo e ao cepticismo. Duvidávamos de tudo e todos, não acreditávamos em nós próprios; revoltávamo-nos contra tudo e contra todos, uma revolta regada com vinho e Whisky nas tascas e cabarés.

Disto tudo tinham as autoridades conhecimento e cada vez mais se empenhavam no desenvolvimento deste processo. Tornava-se necessário fazer-nos convencer a nós próprios de que éramos inválidos. Não era difícil, convenciamos-nos mesmo. Depois disto certos estavam que das nossas bocas jamais sairia a voz sonante da revolta. Assim se procedia. Quando saíamos dos hospitais passavam-nos um atestado de incapacidade, punham-nos o rótulo de inválido, frisavam-nos bem que seríamos sempre um peso para a Nação e despachavam-nos. Eis a recuperação, reabilitação, reintegração, etc, que nos davam. Este é, queremos dizer-te, o verdadeiro crime que cometeram connosco, com os teus filhos, e que tarde ou nunca se apagará da nossa memória.

Confiaram demasiado na nossa ingenuidade; fiaram-se demasiado na nossa ignorância; menosprezaram totalmente a nossa sensibilidade e, por fim, estavam mesmo convencidos que eram uma máquina perfeita de inutilizar homens.

Enganaram-se, quando nos julgaram simplórios, por pertencermos à classe mais desfavorecida, não éramos assim tanto. Nós que, talvez também segundo um plano arquitectado, tínhamos ficado incultos, começámos a revelar em dada altura que, quando se atinge um determinado limite, quando se é ferido cá no íntimo da natureza humana, uma certa luz começa a iluminar o espírito e uma certa força começa a percorrer os músculos, mesmo atrofiados.

Antes do 25 de Abril já havia muita força acumulada. Era no entanto impossível utilizá-la. Sempre que pensávamos em qualquer atitude pairava sobre nós o espectro das represálias.

Vivíamos amorçados. O 25 de Abril cortou-nos essa mordida. Eis-nos livres a falar, não sobretudo para acusar e pedir vingança, queremos arrancar para um futuro que também deve ser nosso. Vamos indicar os verdadeiros caminhos a seguir para vivermos uma vida humanamente vivida. Uma vida sem rejeição, sem repulsa da tua parte, com uma aceitação total.

A ti, Povo Português, de que somos e queremos sempre ser parte integrante, que também foste vítima de intenções malévolas, nos dirigimos muito directamente. Tu rejeitavas-nos quando nos querias; agias de boa fé e os resultados eram negativos. Todos vítimas dum terrível processo, entrávamos em conflitos, donde chegava mesmo a nascer o ódio. Esses conflitos eram recalçados e no teu inconsciente existe um forte complexo, um terrível cancro. O 25 de Abril não extirpou esse cancro. Não é num dia que isso se pode fazer, nem mesmo em meses. Trata-se dum processo complicado e melindroso que envolve tempo, cuidado e determinação. Só nós não seremos capazes de libertar-te deste pesado fardo. Mas só nós saberemos indicar o caminho a seguir, sendo imprescindível para isso que nós sejamos ouvidos. Só nós, definindo-nos a nós próprios, mostrando a nossa verdadeira face, seremos capazes de trazer ao teu consciente os recalços feitos ao longo de 13 anos.

Depois de tomares conhecimento da realidade saberás, em face dessa mesma realidade, acompanhar-nos no processo de reintegração.

Mas, para tal processo se verificar, imprescindível é que os teus governantes dêem todo o apoio. Necessário é pois que as entidades governamentais tomem consciência das suas responsabilidades. Mas uma consciência verdadeira e não uma pseudo-consciência ou uma consciência orientada para fins que não coincidem com os nossos ou mesmo se lhes oponham.

Só num ambiente de franca abertura, compreensão e apoio, nós poderemos dar o nosso precioso contributo para sarar este grande mal.

Para além da questão da nossa reintegração social existe ainda o problema da nossa própria sobrevivência. As razões que levaram os governantes depositos no dia 25 de Abril a fazerem tudo para que fôssemos segregados e marginalizados podem muito bem voltar a ser válidos para outros governantes. Aí compete-te a ti, Povo Português, estares vigilante e recusares-te a viveres novamente o terrível drama em que tu e nós estamos envolvidos. Se de tal não te aperceberes, isso significa que a nossa recuperação e reintegração não se verificou de facto, e será recordado então que tal processo se deveria ter verificado imediatamente após o 25 de Abril. Pretendendo evitar a todo o custo que tal aconteça, devemos exigir dos teus governantes que, com uma dedicação consciente, considerem o nosso problema como um dos mais prioritários.

Queremos dizer-te que a nossa problemática se reveste de uma certa importância política. Depois de 25 de Abril têm-se elevado algumas vozes a apelar-nos de fascistas, que ficámos deficientes ao serviço do fascismo, do colonialismo, etc. Acreditamos que ao tal proferirem visam apenas aproveitarem-se dum triunfo político. Acreditamos também que são cegos precipitados: a utilização desse triunfo não compensa os males que traz, mesmo para eles próprios. No caso de virem a presidir aos destinos desta Nação, concerteza que não quereriam herdar uma socie-

dade enferma. Muito menos, acreditamos, uma sociedade cujas enfermidades eles impediram a seu tempo de sarar. Para esclarecer estes Senhores deves dizer-lhes que nós não somos fascistas nem colonialistas, somos apenas teus filhos, que na punção da vida fomos chamados a cumprir os deveres militares e, no cumprimento desses mesmos deveres, ficámos deficientes, recebendo como recompensa o abandono e a segregação, segregação essa fabricada pelos verdadeiros fascistas.

Vê-se bem que nós não pactuávamos com os fascistas, porque a recompensa que deles recebíamos está bem à vista. É preciso não confundir: aqueles que pactuavam com os fascistas eram bem recompensados e não cumpriam deveres arriscados.

Não queremos ser duplamente vítimas. Fomos vítimas da guerra, não queremos sê-lo também da política. Não queremos ser utilizados, seja por que facção for. Nem por uns a tentarem atribuir-nos culpas que não temos; nem por outros, para os quais portamos a denúncia dos erros que cometeram, tentando continuar a esconder-nos ou então ter-nos à mão para em dada altura nos exhibir.

Nesta hora compete-te a ti, POVO PORTUGUÊS, a partir da nossa realidade, evitar que tanto um risco como outro se corra, levantando a voz bem alto e prevenindo que qualquer ofensa que a nós seja feita será feita a ti próprio, porque tu e nós somos um todo único e indissociável.

Este artigo foi escrito antes do 28 de Setembro. O infundado boato posto a circular de que nós, através da nossa Associação, participaríamos na manifestação da «Maioria Silenciosa» e a tentativa falhada de nos levar gratuitamente à tourada do Campo Pequeno a favor da Liga dos Combatentes vem dar razão ao acima exposto.

Nos acontecimentos do 28 de Setembro, não só dissémos publicamente, através da rádio, que era falso o boato a circular, como nos recusámos a assistir à tourada e ainda advertimos que não se utilizassem de nós, tal como nos quis parecer, através duma tourada a realizar em Portimão, no dia 6 de Outubro, a nosso favor.

Foi também confirmado com o 28 de Setembro o que pela nossa Associação tinha sido posto em hipótese logo nos seus primeiros tempos que a Liga dos Combatentes oferecia certos perigos políticos para a restauração da Democracia no nosso País.

LÊ AO TEU CAMARADA

Dentro dos deficientes, os cegos constituem sem dúvida um núcleo de homens que, pela sua deficiência, têm um problema absolutamente distinto e requerem uma maior atenção pela complexidade das suas implicações psíquicas.

Sabe-se que a vista ocupa posição de destaque, da máxima importância, estando pois o cego numa situação altamente desvantajosa em relação a qualquer mutilado em geral.

É pelos sentidos que o homem comunica com o mundo exterior. Analisando cada sentido por si verifica-se que uns são aparentemente mais necessários do que outros. Assim, é absolutamente recuperável um indivíduo que perdeu a faculdade de cheirar ou de tacto, mas tudo se agrava quando pensamos num surdo, por exemplo. Este homem começa já a ter uma maior dificuldade em se relacionar com as outras pessoas; chegamos assim à tormentosa e, à primeira impressão, desencorajadora cegueira.

No conceito comum, a pessoa que cega deixa de ser conhecida por Joaquim ou Manuel para passar a ser «o ceguinho», «o coitadinho»; em sua casa há sempre a tendência para ser tratado como uma criança; no convívio com os amigos deixou de ser o amigo inseparável de farras, para passar a ser o fardo que por vezes se carrega, ou melhor, que se carrega nos primeiros tempos e depois se evita.

Paralelamente a todo este cenário social surge todo um mecanismo de frustração por parte do deficiente que pensa que nada pode fazer, que está irremediavelmente destruído e muitas vezes a morte parece-lhe a única solução para a sua dramática situação.

Neste momento, camarada que estás cego, urge-me fazer-te as seguintes perguntas:

- 1.ª — Que fizeste tu para que a tua família te aceite tal como outrora?
- 2.ª — Tens tu procurado os teus amigos como fazias antigamente?
- 3.ª — No convívio diário tens-te mostrado aberto ao diálogo e até mesmo dinamizador de conversas?
- 4.ª — Tens tu procurado valorizar-te acompanhando a evolução do mundo que te rodeia?

Camarada, é possível que alguma ou várias destas perguntas te pareçam pura literatura. Por isso te vou falar de certas conclusões a que um camarada, que muito tem pensado e sentido o problema, chegou:

Ao cegares deu-se uma grande transformação na tua vida. Para as outras pessoas a vida continuou normal, portanto, és tu que tens de enfrentar os problemas de adaptação e reintegração na sociedade. A força inicial tem de ser tua, sem a tua vontade de lutar as ajudas de outras pessoas de nada valem. Não é solução tentares esquecer a tua deficiência, pelo contrário é importantíssimo

que tenhas plena consciência de todas as limitações e implicações que o teu estado de cego acarreta. Só a partir daí poderás utilizar todas as armas ao teu alcance para te impores como homem que, tal como os outros, têm direito à vida, a um lar, a um emprego tão produtivo e bem remunerado como os outros.

«Querer é poder» é uma frase tão velha como o homem e os seus problemas, que deve estar sempre presente no teu espírito.

Pensa, medita com honestidade no que se disse e arranca já hoje, neste preciso momento, para a grande luta da vida, vida que para todos é difícil. Cada qual tem os seus problemas e julga-se o mais infeliz dos homens. Tu não és diferente, nem constituís uma classe à parte, muitos homens com olhos são mais cegos do que tu!

É tu que acabaste de ler este artigo ao teu camarada medita também.

A obra da Associação é de todos.

O QUE O POVO NOS ESCREVE

Queridos Amigos,

Vocês são admiráveis, dignos de toda a nossa estima e admiração. Que interessa ao indivíduo não ter olhos, braços ou qualquer outro órgão, se é capaz de suplantar todos os outros que aparentemente nada lhes falta.

Infelizmente a nossa Sociedade não está preparada para encarar um deficiente sem aquele odioso, mas compreensivo (dadas todas as circunstâncias em que vivemos), olhar de dó.

Mas não desanimem, todos juntos havemos de conseguir que ela vos olhe como seres normais que sois.

Todos juntos, vocês, com a vossa grandiosa obra, e todos nós que vos apoiamos.

Estamos convosco sempre e não nos hão-de faltar forças para triunfar no meio desta podridão nojenta que é o capitalismo. Ele há-de morrer asfixiado um dia. Asfixiado no seu dinheiro porque mais não têm e sem ele são inúteis parasitas e o que importa, o que sobrevive, somos todos nós, todos vós Deficientes de alma grandiosa.

Um abraço de todos nós e até todos os dias, porque sempre estamos convosco.

Vossas,

Maria Júlia, Francisca, mãe e Augusta.

Montijo, 4 de Setembro de 1974.

///

N. R. Obrigada Povo, também estamos convosco, todos os dias, na construção duma Sociedade Justa.

N.R. — Os espíritos superiores, numa análise penetrante das realidades da vida, conseguem transmitir aquilo que nós também sentimos mas não sabemos dizer como.

A questão dos Deficientes é tão antiga como o próprio homem.

Desde os especialistas de reabilitação aos simples observadores do homem e aos seus problemas, muitos se têm debruçado sobre este ponto sensível.

Esta folha trará o que escritores em deficientes viram, detectaram e nos fazem sentir ao transmiti-lo.

Neste primeiro conto — OS CAMINHEIROS — de José Cardoso Pires detecta-se a crua realidade dum deficiente que reduzido à sua inutilidade é contudo útil, servindo de objecto de exploração — ou melhor — simplesmente de modo de vida para outros.

ANTÓNIO GRÁCIO disse :

— Vida dum capado. Amaldiçoada seja ela mais aquelle que a inventou.

O companheiro ouviu, continuou em frente, sempre de cabeça levantada na mesma direcção; de vez em quando estendia a bengala a tactear o asfalto.

— O teu compadre garantiu-te que vinha? — perguntou.

— Que vinha, não. Nós é que iam ter a casa dele. O que se combinou foi isso.

— Nesse caso...

— Foi isso — repetiu António Grácio. — Comprometeu-se esperar por nós toda a tarde.

— Hoje?

— Hoje, catano, hoje. Ainda não estou com tão má memória que me esqueça das combinações que faço. Se esse meu compadre se esteve burrifando e foi lá para a cidade ou para o raio que o parta, pior para ele. Que se trabalhe. O interesse é dos dois, não é só meu.

Ouviram o *klaaon* dum automóvel e desviaram-se para a berma da estrada. António Grácio segurou o braço do companheiro: alguns metros adiante, uma cobra pardacenta lançava-se ao caminho, precipitadamente.

— O que foi, Tóino?

Estavam ambos parados. O carro passou como um sopro de fogo, a carroçaria a rebrilhar, os vidros a chisparem faíscas de sol. A frente dele a cobra deu um salto, escapou-se numa volta, mas o condutor fez uma curva proposital e os pneus cortaram-na pelo meio.

— O que foi? — insistiu o outro.

— Uma cobra. O automóvel apanhou-a.

Deram mais alguns passos, até que António Grácio mandou parar o companheiro. Aos pés deles, a cobra contorcera-se, dividida em dois pedaços. A parte da cauda, presa ao alcatrão pelo ponto em que partira, estava quase imóvel, sem vida, enquanto o resto do corpo se sacudia no meio duma mancha de sangue e de escamas.

— É uma rateira — concluiu Grácio. Observava as manchas largas que ela tinha no lombo, a cabeça pontiaguda, essa muito branca, os olhos vivos e língua que tremia, solta no ar. — Não há dúvida. Pelos sinais, é uma rateira legítima.

Posto isto, ele e o companheiro seguiram jornada. Grácio devia ir a lembrar-se da cobra, das manchas e dos sinais que a distinguiam das outras, porque pelo caminho voltou a falar dela. Disse então:

— Para mim, o que mais me espanta é encontrar uma rateira por estes sítios. Mas não há dúvida, era uma rateira e idas boas. Só tenho pena que não se possa aproveitar a pele, Cigarra.

O outro ouviu e guardou silêncio. António Grácio continuou:

— É certo que agora é a época do cio e, portanto, elas não escolhem sítio. Mas uma rateira por estas bandas é porque a trazia fisgada. Talvez andasse à caça, quem sabe?

— Viste-la bem? Tens a certeza que era uma rateira?

— Certíssima. Trabalhei nos poços da Gafanha e conheci toda a qualidade de cobras. Bichas-de-água, rateiras, guardas-de-telhado, tudo. Lidei com elas, Cigarra. A mim ninguém me ensina a diferenciar uma rateira.

Os dois caminheiros seguiam ao sol pelo meio da estrada. Palmilhavam um troço desabrigado, planície à esquerda, planície à direita, e muito naturalmente, à falta de sombra, escolhiam o terreno mais certo, o de melhor piso.

— Calor dos infernos — protestava António Grácio a todo o passo. E mais adiante, referindo-se ainda às cobras: — Neste tempo andam elas pelos feijoados à procura do macho. As bichas-de-água, bem entendido. Cigarra, se tu visses uma cobra e um cobrão na brincadeira, até te mijavas. Enrolam-se de tal forma que chegam a ficar como duas estacas. De pé, levantadas na ponta do rabo. E assofram, fazem um assofrar medonho uma com a outra.

Cigarra tossiu seco. Tropeçou com a bengala em qualquer coisa e desviou-se calmamente, apoiado no braço do outro.

— Que marco era, Tóino?

O companheiro voltou-se para trás:

— Marco nove. Não tarda muito, entramos noutra quilómetro.

— E o Retiro? — tornou Cigarra. — Ainda falta muito para o Retiro?

OS CAMINHEIROS

JOSÉ CARDOSO PIRES

— Já uma hora. Mas antes disso apanhamos as árvores.

— As árvores do Carrascal, já sei. Se não me engano, foi nesse sítio que a Guarda implicou com a gente da outra vez.

— Pois — respondeu o Grácio —, pois.

Da a passo miúdo, decerto para acompanhar o andamento do outro, e o modo de se mover, os gestos, a voz até, davam-lhe um ar contrariado, impaciente.

— Tóino — disse o Cigarra, travando-lhe um tudo-nada o braço. — Essa conversa do teu compadre o que era?

Havia muita coisa que António Grácio compreendia pela maneira como o amigo o agarrava. A curiosidade era uma delas. Pela força dos dedos, pela demora com que os pousava ou mantinha atentos sobre o braço dele, à espera duma oportunidade, duma explicação, podia adivinhar o cansaço, a dúvida, o desejo ou a surpresa que iam no outro. Não precisava de palavras: os dedos de Cigarra contavam-lhe tudo.

— Gaita — desabafou então. — Está um calor de matar.

E retirou brandamente a mão do companheiro. Cruzou-se com eles um camião enorme. Arrastava-se, a tremer e a chiar, debaixo dum carregamento de toros. António Grácio reparou no condutor em mangas de camisa, no rodado lento a desfilarem e, por fim, nos vincos que os pneus deixaram no asfalto amolecido. Pôs os olhos nesses sinais, seguiu-os, caminhando sempre atrás deles:

— Se a bicha não tivesse ficado tão estragada, traziamos-a agora com a gente. Quanto dariam na farmácia por uma peça daquelas?

— Depende — murmurou Cigarra. — Depende do unto e da peçonha que se aproveitarem.

A voz soou triste, distante. Uma vez que o homem avançava de rosto levantado e impassível, a voz era como um segredo que ele lançasse para a distância e fosse adiante, a abrir-lhe caminho, até ao ponto desconhecido para onde parecia apontado.

Dum lado da estrada começavam a surgir baliseiros e, aqui e ali, o tronco ressequido de uma oliveira desgarrada. Cigarra pressentiu talvez essa presença de vida na planície, porque se pôs muito atento, mais firme ainda na sua orientação.

— Já se vêem as árvores? — perguntou na tal voz lançada para o infinito. Piscava os olhos, à espera; e quem o observasse julgaria que a resposta não viria do companheiro, mas de longe, desse ponto que o orientava.

— Árvores? — repetiu o Grácio, distraído.

— Sim, as árvores onde fica o Retiro. Tóino, e se a gente bebesse um copo quando lá passasse?

— Depois se vê. Por enquanto o que interessa é chegar à cidade.

— Mas para chegar à cidade passamos pelo Retiro — insistiu Cigarra.

António Grácio não respondeu. Em vez disso, atirou um pontapé numa lata e sentiu um ardor a queimar-lhe o pé quando roçou com ele pelo asfalto.

— Espera aí — disse de súbito.

O outro obedeceu. Ficou no meio da estrada, acomodando a viola que trazia pendurada, às costas, como se fosse uma arma de caçador. Também o Grácio levava qualquer coisa à bandoleira: a caixa das esmolas — e, era como se carregasse uma sacola de pedinte ou então uma rede de guardar caça.

— Poça — assoprou ele, atravessando a estrada e pondo-se a rodear uma piteira como se procurasse qualquer coisa. Abriu a navalha, escolheu uma folha; num golpe brusco, cortou-lhe um pedaço e em seguida sentou-se no chão para se descalçar. A bota tinha um rasgão enorme na sola. Calculou a medida do buraco, tapou-o com o pedaço de piteira, muito aparado. Quando tornou a calçar-se, bateu com o pé no chão várias vezes para ajustar a bota.

— Pronto, toca a andar.

Nos breves instantes em que estivera sentado, o piso quente da estrada colara-lhe as calças às nádegas. Por isso sacudiu o traseiro. Caminhava e puxava as calças, e não cessava de se lamentar:

— Vida dum capado. Filha da mãe de vida e mais de quem a inventou. — Parou um instante:

— Tem paciência, vou tirar o casaco. Está um calor de assar rolas.

Os dois, estrada fora, um de viola à bandoleira, o outro de casaco no braço, faziam um par solitário atravessando a tarde. Vistos de longe, lembrariam dois amigos em passeio, e nunca duas pessoas que vão à vida, preocupadas com os seus assuntos. Cigarra levava o sentilho no Retiro, queixava-se:

— Se não bebo qualquer coisa, não sei. Uma pinga de água quanto mais não seja. Tenho umas dores nas cruzes que nem posso.

O companheiro rematava-lhe com o calor:

— É o sol, Cigarra. Este maldito dá cabo de qualquer homem.

Tinha realmente a camisa encharcada, com dois lagos de suor nos sovacos. Além das nódoas de vinho e dos remendos, que eram muitos e sobrepostos, a camisa resumia-se a isso: suor.

— Agora — disse Cigarra — já nem é a sede. Agora são as dores que não me largam.

— Passam, não te apoquentes. Quando chegarmos à cidade, escolhemos uma taberna e descansaremos. O que a gente não pode é perder tempo. Tenho medo de me desencontrar dele.

— Desencontrar de quem, Tóino?

— Do meu compadre. Se não estava em casa nem vem a caminho, é porque ficou na cidade.

Junto dum pau de fio trabalhava um piquete de cantoneiros. As picaretas cravavam-se no asfalto com um som oco e a brita era lançada ao rés da estrada como uma chuva de granizo.

— Obras — anunciou o Grácio. Imediatamente o outro pendurou a bengala no braço e deixou-se guiar pelo companheiro.

Os trabalhadores abriram caminho para os deixar passar. Essa pausa foi o bastante para que Cigarra levantasse a cabeça e se pusesse todo tenso:

— Escuta... Pareceu-me ouvir um moinho.

E era. O companheiro distinguiu agora um moinho de tirar água, rodando lá ao fundo, com as suas pás de metal a luzirem ao sol. O moinho: naquele lugar havia uma encruzilhada e começavam as mansas filas de plátanos, com cintas brancas pintadas no tronco.

António Grácio puxou da onça:

— Estamos quase. Vai uma cigarrada? — E como o outro recusasse: — Agora, sim, já se pode fumar. Não tarda, vemo-nos livres do calor.

Com modos pachorrentos, desenrolou a folha de couve em que protegia a onça para não deixar secar o tabaco, e começou a fazer o cigarro. A seu lado, o amigo voltou a falar:

— O pior não é o calor, o pior são estas dores que não me largam.

— Passam. Deixa-te apanhar um bocado de sombra e verás.

Cigarra teve um sorriso desiludido:

— Tudo isto é a malvada da úlcera a dar sinal. Conheço-a bem. Ainda ela não começa a roer, já eu a sinto.

— Nesse caso, talvez seja melhor pararmos no Retiro. Podemos mandar vir um caldo, como da outra vez.

— Um caldo?

— É então? Um caldo é remédio santo. Pelo menos é o que tem acontecido. Palavra que, se não fosse a questão do meu compadre, nunca nós fazíamos uma viagem destas. Maldita a hora em que eu me fiei naquele velhaco.

Dum modo geral, António Grácio conversava com o companheiro sem o olhar. Assim aconteceu agora. Disse o que tinha a dizer e depois assoprou duas ou três fumaças desesperadas. Não tardou muito, já estava outra vez a falar, mas para dentro, em silêncio. Discutia possivelmente com ele mesmo e com o seu destino traidor. «Vida dum capado», repontava a meio dessa conversa que só ele sabia; e continuava em frente, a cabeça enterada nos ombros, os olhos fitos nas duas sombras atarracadas que deslizavam no alcatrão.

Essas sombras resumiam para ele a estrada, as sombras e a bengala do amigo marcavam o andamento da viagem. Cigarra, por sua vez, ia retardando o passo. Sabia que tinham chegado às primeiras árvores por causa da frescura que pousava sobre ele e também pelo ruído dos pés ao pisarem uma ou outra folha seca.

Mas o calor ainda não desaparecera de todo. O ar continuava abafado, ar de trovoada; as árvores para ali estavam paradas, na esperança de uma brisa que não chegava. Lá quando calhava desprendia-se uma folha, uma só, e vinha lentamente, lentamente, espalmar-se no chão.

— Eh, pá!

Alguém acabava de saltar ao caminho. Cigarra estacou de pescoço no ar.

— Eh, Miguel — gritou António Grácio.

O homem veio para eles, de braços abertos. Era alto e seco e trazia um lenço atado ao pescoço. Ria:

— Estava a ver que nunca mais apareciam. Foram lá a casa?

— Fomos, pois — respondeu o Grácio. — Não era o que estava combinado? Cigarra, este aqui é o meu compadre Miguel.

Amigo e compadre cumprimentaram-se em silêncio. Mas o compadre sorria e mostrava-se satisfeito com o encontro.

— Caramba, vocês demoraram-se como raio. Houve algum azar?

— Não. A gente foi lá a casa e a comadre disse que tu tinhas saído de manhã.

Desde que tinham trocado as primeiras palavras, Miguel não tirava os olhos de cima do Cigarra. Tinha-o a dois passos dele, silencioso, à espera.

— Sente-se, amigo.

Viu-o pousar a viola no chão com cuidado, recuar e encostar-se a uma árvore. Enquanto os dois companheiros se sentavam também à sombra de um plátano, ele continuava ainda de pé, apoiado ao longo do tronco. Sorvia o ar e, por trás dos óculos negros de mica, parecia interrogar o ponto longínquo que toda a vida se pusera no seu caminho.

— Cansado, amigo?

Cigarra adivinhou que era com ele.

— Dores — suspirou, passando a mão pela barriga.

— No estômago? — tornou Miguel, interessado.

— Sim, na úlcera.

António Grácio ouvia um, ouvia outro, e passava o cigarro na ponta da língua de canto para canto da boca.

— Bem, — cortou de repente. — Já pensaste no caso?

Como quem não quer a coisa, o compadre apanhou uma folha; levou-a à boca e entretanto pôs-se a medir o Cigarra de longe.

— Não sei — disse por fim. — Duas notas é muito. — E mais alto para o Cigarra: — Você já foi ao médico?

Aqui António Grácio respondeu pelo compadre:

— Médico? Foi à faca, que ainda é muito mais seguro. Quando é que tu foste operado, Cigarra?

— Dia três de Setembro. Faz para o mês que vem um ano que dei entrada no hospital.

— Vês? Há um ano. O que ele tem agora é fraqueza. E não admira, Miguel. Forte sou eu, e vi-me à brocha com a caminhada de hoje.

Diante do Grácio, o compadre mordiscava a folha. Mordiscava, pesava as suas razões, olhava a criatura que estava na outra árvore. Mordiscava e não se resolvia:

— É muito, Tóino. Duas notas é dinheiro. Depois há que ver que eu não tenho prática... Sim, não é do pé para a mão que um fulano se mete numa coisa nova. Tudo tem os seus segredos, não é assim?

O outro compadre sorria, divertido:

— Segredos? Ele ensina-tos, descansa. Olha, neste comércio só o que é preciso é não haver desconfianças. Trabalha tudo para a caixa das almas.

— Quanto dinheiro têm vocês aqui?

Miguel tinha pegado na caixa e voltava-a e tornava a voltá-la, intrigado. Não estava de maneira nenhuma a tomar-lhe o peso; afigurava-se que pretendia somente conhecer-lhe os mistérios, apalpando a fechadura, a fresta das moedas ou a simples qualidade da tinta.

— Quanto — repetiu.

— O dinheiro da caixa é à parte. Foi ou não foi o que estava falado?

— Bem, isso agora não interessa grande coisa.

— Não interessa? — António Grácio levantou-se de um salto. — Tu assentas numa combinação e agora dizes-me que não interessa?

Pôs-se a dar voltas diante do compadre. Girava de um lado para o outro e só perguntava se isso não interessava, se era possível qualquer pessoa pôr de parte a sua palavra com tamanha facilidade.

— Para mim o prometido é devido — protestava.

Ao passar perto de Cigarra, sentiu-se agarrado. Parou. O outro chegava o rosto ao dele, desejava falar-lhe:

— Vais dar o salto, Tóino?

Fazia-lhe a pergunta num tom sumido, quase de segredo. Mas, como era mais alto e o rosto lhe ficava por cima do companheiro, parecia dirigir-se a alguém para lá dele, na direcção das árvores da outra margem da estrada.

— A sério, Tóino, vais-te embora?

O outro nem o ouviu. Sacudiu a cabeça, indignado.

— Catano, mil vezes catano...

— Calma — interveio Miguel. Tinha-se chegado também ao Grácio e chamava-o à razão. — Que diabo. Não é motivo para te pores nessa berraria.

— Não me interessa se é motivo ou se deixa de ser. Para mim o prometido é devido. — E acrescentou: — Catano.

— Calma. — O compadre arrastou-o para longe do Cigarra. — Calmaria é que é preciso.

Os dois, estrada abaixo, estrada acima, recomeçaram a conversa. Miguel punha de parte a questão da caixa das esmolas, informava-se de várias coisas: se, por exemplo, o Cigarra sabia ler pelos burraquinhos.

— Quais burraquinhos?

— Os burraquinhos do papel — explicou o compadre. — Aqueles por onde eles lêem com os dedos.

— Já sei — exclamou António Grácio —, mas neste caso não é preciso. Basta uma pessoa dizer-lhe duas vezes os versos duma moeda para ele nunca mais se esquecer. É fino como uma lebre.

— Tem bom ouvido, queres tu dizer.

— Ouvido? — António Grácio sorriu. — Ouvido têm eles todos. Mas este o que tem de raríssimo é o faro. Contaram-me que, quando viveu com uma amiga, soube logo que ela o enganava só pelo cheiro dos lençóis.

— Chíça. Só pelo cheiro?

— É o que te digo. Um faro danado.

— E com respeito a comida? Tem má boca? Come muito?

— Um pisco — respondeu Grácio. — Chego a perguntar a mim mesmo como é que um corpo daquele tamanho se aguenta com tão pouca coisa. Pois e para andar?

— Antes assim. Esta vida deve puxar pelas pernas que não é brincadeira.

— Se puxa. Ele é dos que não se vergam, Miguel. Um batêdor de raça, fica sabendo. Aquilo é apontar a bengala... e pernas, que não há nada no mundo que o faça esmorecer.

Os dois compadres voltaram-se uma vez mais para o Cigarra. Lá estava no mesmo sítio, mas agora sentado debaixo do plátano e com a viola no regaço.

— E a roupa? — perguntou ainda Miguel. — Eu é que pago a roupa dele?

— Não. Nem roupa nem instrumentos, nada disso é contigo. Tu só tens de pagar a comida e receber metade dos ganhos.

— Em todo o caso, Tóino. Duas notas é dinheiro. E para mais doente... Não sei, tenho de pensar.

— Tens de pensar? Mas quem é que disse que ele é doente, Miguel?

Vinham naquele instante a aproximar-se de Cigarra. António Grácio não perdeu a ocasião e apontou-o ao compadre:

— Vês? Já está melhor. Está melhor, Cigarra?

— Assim, assim — disse ele, e tão baixo que mal se ouviu. — Agora só tenho sede.

Miguel não esperou por mais nada:

— Pronto, vamos molhar a goela. Aqui perto há sítio catita para isso.

E Cigarra, levantando-se:

— Bem sei, o Retiro.

Não foi preciso ajudá-lo, ele próprio pôs a viola a tiracolo e apanhou a bengala. A tarde começava a refrescar, uma aragem muito branda demorava-se sobre a ramaria. De súbito um bater crepido de asas desabou lá do alto, Miguel e Grácio nem levantaram a cabeça, mas, atrás deles, Cigarra fixou o pio da ave.

— Era uma poupa, Tóino?

Não teve resposta. Os dois compadres discutiam em tom amigo e, se quisesse, podia ouvi-los. Mas não queria. Em vez disso pensava na poupa.

— É um pássaro porco, a poupa. — Caminhava, falando sozinho. — Ao fim e ao cabo, não passa dum pássaro de bosta de boi. Mas nada garante que fosse uma poupa. Pelo contrário. O bater de asas era de narceja, e com essas tudo fia mais fino. Mais esperteza, mais asseio...

Ouviu a voz do companheiro. Pelo tom, percebeu que se dirigia a ele:

— Ainda temos algumas cordas de reserva, não temos?

Respondeu que sim: um bordão de dó e outro de sol maior.

— E folhetos das músicas? — adiantou-se, muito pronto, o compadre Miguel.

— Folhetos — disse o Grácio — temos meia dúzia de cantos ao fado e as coplas da revista *Salada de Alface*.

E o Miguel:

— Compadre, como o *Crime de Chelas* é que ainda não se fizeram versos iguais.

— *Crime de Chelas*? Cigarra, tu já ouvistes falar alguma vez no *Crime de Chelas*?

— Ouvi. É aquele do pai que matou o filho à nascença.

— Ah, bom. A *Tragédia Desumana* — disse o Grácio. — O título da letra é *Tragédia Desumana*. Não conheço eu outra coisa, compadre.

E começou a cantarolar:

*É uma horrível tragédia
que vos passou a contar
dum pai que sem escruplo algum*

— Posso pagar por duas vezes? — perguntou Miguel. — Em duas metades?

Grácio continuava, embalado na cantiga:

*... dum pai que sem escruplo algum
seu filhinho foi matar ...*

— É muito antigo — comentou ele no final da cantiga. — Hoje não se fazem músicas como antigamente.

Cigarra apanhava muito pela rama o que se passava entre os dois compadres. Sentia a tarde cair e a passarada baixando sobre a terra morna à procura de alimento. Pardais, poupas nojentas, melros velhos e sabedores.

— E narcejas. A narceja é amiga de água. — Engoliu em seco. — No Retiro — prometeu a si mesmo em voz alta. — Nem caldo nem coisa nenhuma. O que eu preciso é de um copo de vinho bem fresco.

Nesse instante chocou com alguém. Fez alto. Eram os compadres, que tinham parado no meio da estrada.

— Em que ficamos? — perguntava um ao outro.

— Não sei, é um risco muito grande...

Cigarra andou por ali, à volta, tacteando com a bengala ao acaso. Encontrou uma árvore, arrancada pela raiz, estendida na beirra da estrada. Sentou-se, esperou. Pegados na conversa, os outros nem reparavam nele.

— Seja o que a sorte quiser — disse Miguel, por fim. Tirou um maço de papéis do bolso interior do colete e passou duas notas de cem escudos. — Quem não arriscou, não perdeu nem ganhou.

António Grácio dobrou o dinheiro:

— Pois quem não ganhou fui eu. Sabes quanto o Vesgo deu por um que chamam o Pratas? Três notas e meia. E mais nem sequer sabe pegar no bandolim.

— O tocar ou o não tocar é o menos. A questão para mim está no guia. E, como te disse, lá de guia é que eu não percebo nada.

— Aprendes, compadre. Se os cães aprendem, porque é que é que tu não há-de aprender?

— É justo — concordou Miguel, com ar preocupado. — Realmente, se formos a ver bem as coisas, é fazer de cão de cego, pouco mais. Sim, como trabalho é isso. — Ficou calado por momentos e depois resolveu-se: — Seja. O que está feito, está feito. Vamos ao copo para fechar?

— Não posso — respondeu o António Grácio. — Fica para a próxima.

— Pago eu, caramba. Nem ao menos um copo para fechar?

Mas o Grácio tinha pressa, agora mais do que nunca. Veio junto do Cigarra e abraçou-o:

— Desculpa... A gente não fica com razões dum outro, pois não?

Cigarra sorriu. Fez um arabesco com a bengala e a mão tremeu-lhe. Tinha a voz do companheiro no ouvido: «O meu companheiro é um gajo unhaca, verás». E também essa voz tremia.

Então quis dizer fosse o que fosse, mas só conseguiu agarrar-se ao Grácio e abraçá-lo com força, com tanta força que o peito lhe doeu como se lhe tivessem tirado todo o ar.

Passado tempo, achava-se ainda sentado à beira da estrada quando sentiu que alguém o puxava brantamente pelo braço:

— Amigo, vamos ao Retiro?

Era ao anoitecer e não ouvia pássaros nem gente à sua volta.

— Sim — murmurou ele. — O Retiro.

E levantou-se.

REFLEXOS

Diariamente, as estações de rádio, televisão e imprensa trazem até nós, notícias deste Portugal que pouco a pouco sai de longos anos de obscurantismo político-social, industrial e cultural. Nós, camaradas, somos a última consequência desse estado de coisas que são para esquecer. Sabemos todos o estado mais ou menos grave em que nos encontramos, mas, por isso mesmo, teremos que fazer um esforço tanto maior quanto a gravidade para podermos acompanhar a marcha da evolução do nosso novo País. Mais do que nunca, sentimos a necessidade de juntarmos o nosso trabalho à força que sai das fábricas, das oficinas, dos campos e dos escritórios, pois não é agradável ver passar os outros para a «festa da reconstrução» enquanto nós ficamos à «porta» da nossa incapacidade e indiferença.

Amigo, não fiques na «soleira» da resignação, mas antes procura a plena luz da rua onde sentirás de novo as horas boas e más comuns a todos os mortais. É bom jogarmos de novo a vida apesar da nossa deficiência. Perguntas, mas como entrar de novo na luta do dia a dia? Amigo, a distância que vai da «soleira» da apatia à plena luz da rua, é o passo da tua reabilitação psicológica e profissional.

Não poderemos exigir a um músico que seja um bom pedreiro, da mesma maneira que não poderemos pedir a um cego para conduzir um automóvel ou a um indivíduo a quem falte as duas pernas que seja um atleta de salto em comprimento. Cada um de nós tem que ter, em primeiro lugar, consciência da deficiência que, sem a desajarmos, nos pesa como só o próprio sabe.

Depois, camarada, é preciso unirmo-nos para dizermos à sociedade, numa só voz e em força, que estamos vivos e que queremos fazer parte integrante da mesma, de onde fomos desentzados por motivos alheios ao nosso querer. Unidos somos uma força e com ela havemos de substituir os olhos, as pernas e as mãos em novas profissões de modo a mostrar a todo o povo que não somos um peso mas uma força de produção que beneficia a todos. Se de facto sentes isto que te digo, não fiques mais inactivo!... Há sempre uma saída quando o pão da caridade nos é amargo.

No elo da nossa força ainda faltam muitas mãos! Será a tua por acaso? Não demores no começo da caminhada árdua da recuperação e da reintegração social.

Manuel Lopes Dias

PARA TI CAMARADA

Para ti camarada...
Que a vida marcou com mágoa
Lágrimas e silêncio
Angústia e raiva incontida
Entrego-te a minha palavra aberta
Dou-te a palma da mão amiga
Envio-te a alegria que recuso ter
Olha camarada...
As paredes frias da vida
Que nos gelam a vontade de querer
Que nos recusam a ilusão de ser
O príncipe loiro, heróico ou covarde
Vê, a miséria que te rodeia os braços
Calcula a tristeza dos que vivem com dor

Para ti camarada...
Que mal conheço, une-me a vontade
De te dizer coragem na esperança
Raiva na luta do quotidiano
Aqui está a minha presença viva
A minha ideologia esmagada
Agarra-te ao momento de partir
E camarada...
Lutemos com braços despidos
De dentes cerrados no ar sufocante
Avançemos até ao limite das forças
Sem recuar ou desistir por acaso
Lutemos contra o desprezo que nos dão
E dá-lhe a indiferença de cara a cara

Para ti camarada...
Estas letras de sangue, é tudo
O que neste momento posso lançar
Ao mundo que me subjugou e odeio
A força que me alia ao isolamento
E a ti camarada...
Um abraço bem forte pela imagem
Que podemos criar do nosso mundo
Pela amizade que de longe criámos
Neste conselho que daqui te lanço
Deixa os momentos incertos e curtos
Parte sem medo, para lá do real
Descobre o irreal nesse cérebro feliz

E olha camarada...
Não vejas a morte, mas o prazer
A falsidade, mas a alegria
O cinismo, mas o sorriso
A mentira, mas o beijo
A traição, mas o amor
Não vejas os outros...
Mas aquilo que és
O que desejas
O que procuras
O que podes fazer
(E não o que te deixam fazer).

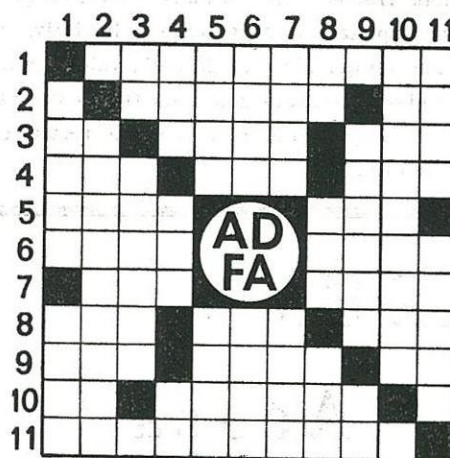
«JOAO»

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS

- 1 — Reunião de várias pessoas para um fim comum.
- 2 — Elegante; observei.
- 3 — O mais; dei movimento a; oferecer.
- 4 — Morte (inv.); sarafas; o mesmo que eiró.
- 5 — Rebordo de chapéu (pl.); preposição.
- 6 — Simples; irmã.
- 7 — Viscera; habilidade.
- 8 — Nome de mulher; semelhante; rio da Europa.
- 9 — Fluido aeriforme; actuan; catedral.
- 10 — Quatrocentos noventa e nove em romanos; esmerar-se.
- 11 — Regenerar.



VERTICAIS

- 1 — Sugam o leite materno; actuar.
- 2 — Condição do homem livre.
- 3 — Apelido; realizarias.
- 4 — Designativo de afirmação; estrondo; chumbo (s.q.).
- 5 — Prefixo grego que significa montanha (p.l.); produzi (fig.).
- 6 — Escavação; ligeiro.
- 7 — Divindade grega; resgatei.
- 8 — Em partes iguais; governanta; matemática (abrev.).
- 9 — Pronunciara o que outrém haveria de escrever; batráquio.
- 10 — Que têm avareza.
- 11 — Metal amarelo; da natureza do ar.

NA HORA DA REABILITAÇÃO

Os hospitais, cada vez mais cheios de deficientes das guerras coloniais, tornavam-se escassos e pouco amplos para albergar todos aqueles que tombavam por terras Africanas e sobretudo os serviços especializados careciam do respectivo material adequado e completo para o tratamento eficaz dos atingidos.

Dentro desses mesmos hospitais não existiam, como ainda não existem, serviços sociais destinados a auxiliar os doentes na resolução de diversos problemas, tais como: conflitos domésticos susceptíveis de prejudicar a convalescência do deficiente; preocupações acerca dos cuidados necessários durante o período de recuperação; dificuldades na obtenção de emprego após a alta do hospital.

Quando os serviços médicos entendiam que o deficiente estava curado, este era simplesmente desalojado do hospital sem a menor protecção na vida nova que então teria de enfrentar. Se arranjava emprego, tudo corria normalmente, mas se isso não acontecia, então o deficiente teria que esmolar junto dos seus familiares.

Neste lamentável conceito de tratamento hospitalar, decorreram cerca de 14 anos, mais concretamente até ao nosso 25 de Abril.

Pelas razões atrás expostas e por outras que mais à frente se anunciarão, entendemos que a partir do 25 de Abril, nós, os deficientes, não deveríamos estar sós, nem separados, nem abandonados, nem considerados inúteis. A partir de então, nada nos impede de agir na defesa dos nossos próprios interesses que tanto influenciavam a nossa capacidade de trabalhar e conviver. A Associação tem uma palavra importante a levar junto não só dos deficientes como também da própria sociedade, uma vez que a vida social é NECESSIDADE HUMANA. Na verdade, o homem tem muitas necessidades de ordem física, intelectual e moral, que não podem ser satisfeitas senão na sociedade e por meio dela. O público, deve ser esclarecido no sentido de um melhor conhecimento dos defeitos físicos ou mentais dos deficientes, o que concorrerá

para ajudar a sua reabilitação. O deficiente necessita do apoio da sociedade que deve compreender que não existe qualquer estigma associado à deficiência. Ainda que a Associação se empenhe em toda a sua boa vontade para um verdadeiro aperfeiçoamento dos Deficientes das Forças Armadas, esse aperfeiçoamento não será completo se for desagregado da Sociedade de que faz parte. A Sociedade exerce tão grande influência na vida psíquica individual que se pode afirmar que os fenómenos psíquicos do indivíduo são, em grande parte, fruto do factor social. Por isso, as idéias nascidas no deficiente durante a sua reabilitação têm que ter a efectividade do seu semelhante, caso contrário serão frios e mortos.

Reabilitar o deficiente no sector intelectual e profissional é um constante pensamento da nossa Associação, e para isso a reabilitação profissional é urgente. Toda a orientação de profissionalismo que se possa dar consiste em indicar aos Deficientes a profissão que melhor se adapte às suas aptidões de forma a valorizar as suas capacidades residuais e a torná-las social e profissionalmente úteis à colectividade. Sabemos que a ocupação tende a conferir à vida uma perspectiva positiva e contribui para eliminar os efeitos psicológicos derivados de uma doença prolongada ou de outra alteração. Se os deficientes apresentam insuficiências graves, a actividade será simples e elementar, mas outros haverá que podem dedicar-se à pintura, cerâmica, escultura, carpintaria, tecelagem, dactilografia ou qualquer outra actividade que os interessa-se. É necessário criar o Bem-Estar físico, o ambiente, as pequenas satisfações do dia a dia. Aprender a apreciar a companhia de nós próprios e a camaradagem das pessoas que realmente estimamos. É necessário, repito, que a nossa Associação contribua totalmente para que o deficiente se conheça cada vez melhor, conheça as suas possibilidades, as suas energias, os seus sentimentos, a luz da sua inteligência, a força da sua vontade — numa palavra, toda a actividade espiritual para marcar bem o seu lugar na escala da sociedade, saber quais são as suas possibilidades, para assim poder aperfeiçoar-se com vista a tornar-se o que deve ser.

DESESPERO

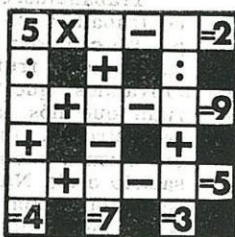
Ser...
E não ser capaz
De ser
Aquilo
Que outros seres
Como tu
Quicá menos
Admitamos mais
São
Destino perverso
Sondando
A cada passo
Todo o Universo
Não quiz
Que tu fosses
Aquilo
Que pensaste
Pensas
E pensarás?
Despreza o ser
Se ser
Como eles
Não és capaz

O JORNAL PARA O POVO

Logo desde os primeiros tempos da ADFIA que muitas pessoas se nos têm dirigido com a intenção de se fazerem sócios. Os estatutos não prevêem a existência de sócios beneméritos, isto é, sócios contribuintes com determinada quota, não gozando de quaisquer regalias.

Para essas pessoas, que de tal modo nos apoiam e a nós se querem ligar, servirá o nosso jornal de elo de ligação, dele se fazendo assinantes, podendo para isso estabelecer elas próprias o preço de assinatura, se acharem por bem exceder o estabelecido e que é:

Semestral 30\$00
Anual 60\$00



PROBLEMA N.º 1

Preencher os quadrados em branco de modo a respeitar as operações e os totais indicados.

Da guerra colonial escreve o soldado:
Mãe, aqui um camarada meu lempou e já foi para a Metrópole.
Resposta da Mãe: Meu filho, vê lá se lempas depressa para vires também.

PONTO ZERO



Numa Sociedade de competição como a portuguesa, onde os mais fortes atropelam constantemente os mais fracos, onde, à custa desses atropelos, os mais fortes são cada vez mais fortes e os mais fracos cada vez mais fracos, os governantes, respeitando santamente a iniciativa privada, mesmo quando esta destruiu valores humanos e vidas, passavam aos mais fracos um atestado de incapacidade onde se lhe recusava o direito à luta.

ADFA

Acusa

(Continuação pág. 1)

vítimas, mas, pronto a atitudes temerárias e cobardes.

Coração e vozes ao alto... Denunciemos os grandes culpados. Apontemos a dedo sem medo nem permitindo impasses, cada minuto que passa aumenta a fome do abutre que, escondido nas montanhas do crime, aguarda o momento exacto para ordenar aos seus lacaios a grande chacina com a qual sairá saciado da já longa fome de alguns meses. — No Chile foram 3 anos...

Nós erguemos a nossa voz bem alto: Estamos ao serviço da liberdade do povo porque somos povo querendo ser livre.

O Abutre fascista já nos levou pernas e braços. Ele paira ainda em Angola e Moçambique perante a ameaça dum povo que luta.

Foi a digestão dos nossos membros que o enfraqueceram. Não permitiremos que outros nos sigam no ventre da besta. Cabe-nos o dever de elucidar agora já que elucidados não fomos. Cumpre-nos denunciar os grandes culpados.

O amanhã que nos espera é incerto... Mas, para nós, conta a certeza de que a verdade NUA e CRUA poderá evitar mais barcos de noite com cargas sinistras, mais vidas ceifadas, mais homens sem membros... perdidos noutras pátrias em guerras que oprimem Portugueses e Africanos e só alimentam o Abutre Fascista Imperialista.

Dentro deste espírito, quinzenalmente, levaremos ao Povo Português um trabalho de acusação directa aos grandes culpados que quase dizimaram uma geração.

Espectáculos e contacto com o POVO

A etapa final, e que começa por ser a primeira, da reabilitação dos Deficientes das Forças Armadas é a reintegração social. Para que essa reintegração seja perfeita, torna-se necessário um contacto e uma convivência permanente com as pessoas, convivência essa em que os deficientes se apresentarão sem complexos e as pessoas os receberão sem inibições.

Estes princípios foram dos primeiros estabelecidos por nós e que através da rádio chegaram até às pessoas por todo o País. Foi através da Rádio Renascença, onde a Nossa Voz passou a fazer-se ouvir desde meados de Junho, que as pessoas começaram a reflectir sobre a nossa problemática. Decidiram então, num gesto espontâneo, entabular um diálogo connosco, aproximaram-se de nós. Vieram até nós e nós fomos até elas. Foi em festas simples e populares, no nosso verdadeiro ambiente, que fizemos local de encontro com o povo, com um Povo que nos quer e tem urgência em provar que não era por culpa sua que nos marginalizava.

Têm sido bastantes as festas organizadas para nós. De algumas guardamos mesmo uma preciosa memória.

Para a História da

ADFA

Em 1961 as Instituições de caridade viram abrir-se as portas que lhes iriam garantir a matéria prima tão necessária às suas necessidades de ócio.

Essa elite da Sociedade Portuguesa de então esfregou as mãos sujas de sangue, regozijando-se com a inesperada carga humana que deveria ser transformada em «Inválidos».

Homens exportados, fortes e robustos, eram importados como objectos de diversão das conhecidas Senhoras do Chá Canastra. Mas que bem que sabiam ministrar a droga do conformismo e da resignação! Não faltavam isqueiros, esferográficas e algumas cunhas. E os jovens iam morrendo. E os soldados ficavam sem membros, sem olhos, sem saúde.

Mas a vida continuava e urgia que o Povo se não apercebesse da enormidade da catástrofe.

Quem residia para os lados dos presídios hospitalares de certo se apercebia dos negros Mercedes «morcegos» que, levando no seu ventre «gente muito bem», transportavam consigo a morte lenta.

E as vidas eram ceifadas... A imprensa escondia, os Governantes mentiam e o Povo sofria.

Em 1973 alguns Deficientes das Forças Armadas deram início a um movimento clandestino. Terá sido aqui que a semente desta Associação foi lançada.

Foram contactados alguns elementos do Movimento de Capitães do qual tivemos todo o apoio, apoio de homens de boa vontade mas na altura clandestinos e perseguidos.

O 25 de Abril aproximava-se, com ele o fim da Guerra, da Fome e da turtura.

E chegou finalmente!... Quem não terá sentido nessa madrugada diferente... arrepios próprios das horas felizes!? Quem não terá sentido os olhos humedecidos pelas lágrimas da esperança, até então cativas?...

Foi dentro desta atmosfera de esperança e liberdade que de novo nos reunimos. Esperámos que o Povo trabalhador fizesse as suas justas reivindicações e em 14 de Maio levámos à J.S.N. o seguinte Comunicado:

Militares Feridos ao Serviço das Forças Armadas deliberaram apresentar o seguinte comunicado:

Certamente não será alheio à Ex.^{ma} Junta de Salvação Nacional o ostracismo a que foram votados aqueles que no cumprimento de ordens contribuíram com parte integrante de si próprios para o despertar da consciência Nacional que havia de levar ao derrube de um governo que, por não exercer um mandato da Nação, os despojava dos seus direitos de participação activa na vida Nacional.

Estamos conscientes que poderemos ajudar o nosso Portugal na emancipação para a liberdade. Neste âmbito, árduo será o nosso esforço perante uma Nação alheia às verdadeiras capacidades do mutilado, que foi sempre rotulado de desgraçado e coitadinho, imagem que queremos destruir.

Como estrutura de base propomos:

- 1 — A extinção de todo e qualquer organismo de índole caridosa e duvidosa a que não reconhecemos qualquer representatividade;
- 2 — Que nos sejam dadas condições para a organização duma comissão eleita pelos feridos, a qual terá por missão representar os mesmos em todas as suas reivindicações.

Lisboa, 14 de Maio de 1974.

(Quinzenalmente elucidaremos o leitor amigo sobre a cronologia dos acontecimentos que nos situam no dia que passa).

O Dia Nacional de Trabalho

O apoio que o povo tem dado à nossa obra é inequívoco. Os trabalhadores, por esse Portugal fora, compreendendo a situação de abandono a que os Deficientes das Forças Armadas estavam votados, surgiram, logo de início, com as suas cartas, as suas visitas, os seus telefonemas, etc., como grandes incentivadores da nossa obra.

Trabalhadores que queriam que nós tivéssemos acesso ao trabalho; que queriam ver-nos ao lado deles lutando pelo pão de cada dia honestamente como eles lutam; que não queriam que o fruto do seu trabalho servisse para sustentar «Inválidos» que também podem e devem trabalhar; que queriam que nós também participássemos na grande obra de reconstrução. O apoio dos trabalhadores veio mesmo a revelar-se em termos monetários, quando grande número ofereceu o salário o dia Nacional de Trabalho à Nossa Associação. Não se tratou duma dádiva com cunho de esmola. Foi antes um nobre gesto, um gesto de solidariedade, através do qual se expressa a vontade de prosseguir numa revolução a sério, utilizando o resultado monetário do dia-símbolo da vitória sobre o fascismo para reparar os males feitos por estes últimos.

O dinheiro recebido dos trabalhadores não se destina, nem eles assim o pretendem, a minorar as dificuldades que os Deficientes das Forças Armadas têm, nem de qualquer modo resolver os problemas que a sua deficiência lhe acarreta.

Essa responsabilidade não cabe aos trabalhadores, cabe à Nação ajustar contas com os responsáveis pela situação dos que ficaram deficientes e pelas famílias dos mortos.

O dinheiro dos trabalhadores será utilizado no engrandecimento da nossa Associação que, como nossa melhor amiga, saberá apoiar-nos ao longo dos tempos e saberá fazer valer os nossos direitos.

O Povo Português começa assim a dar os primeiros passos, mas firmes, no caminho da solidariedade e do apoio fraterno, deixando para trás, e sem saudade, a era da esmola e da caridadezinha que tanto enaltecia uns para tanto humilhar outros.

Saudamos o novo espírito do POVO PORTUGUÊS.